

OS PERCALÇOS DA TERRA DO TIO SAM

Helio Begliomini

"Aprende que não importa onde já chegou, mas aonde está indo."

William Shakespeare



Não há dúvida alguma de que os Estados Unidos da América (EUA) têm sido considerados, há anos, a primeira nação do planeta. Neste particular concorrem sua situação econômica dominante, a inegável influência cultural (as roupas e a moda em geral; as músicas, em certos ambientes, mais tocadas que as nacionais; a indústria cinematográfica hegemônica; a exportação do *american way of life* com seus sanduíches, congelados e descartáveis); a ciência e a tecnologia de primeira linha com inúmeros centros de pesquisas básicas que têm empilha-

do num século dezenas de prêmios Nobel nas diversas áreas a que ele se destina; as metrópoles construídas com fino requinte urbanístico; as amplas e inúmeras *free-ways* por onde navega um mar de carros; os gigantescos aeroportos; os megacentros de diversões com multi-formes apelos temáticos; um sofisticado parque industrial muito desenvolvido e um não menos priorizado setor agropecuário. Ademais, a terra do Tio Sam, além de contar com o poderio militar mais forte, mobilizado e atuante do planeta, por meio do qual também manifesta seu ímpeto imperialista, é considerada a modelo dos direitos do cidadão e exemplo de democracia e da liberdade de expressão.

Entretanto, nem tudo é ou foi maravilha naquelas plagas. Não se pode ignorar que embora os EUA acusem países latino-americanos de molestar seus índios, os norte-americanos foram brutais exterminadores da civilização autóctone preexistente à descoberta da

América por Cristóvão Colombo. Embora lá seja considerado país dos direitos humanos, a manifestação do racismo de branco contra preto e vice-versa assume, por vezes, dimensões catastróficas, nem sequer comparáveis com as de outras nações. O índice de escolaridade é elevado, mas, infelizmente, o nível cultural da população é proporcionalmente medíocre. Não é incomum seus cidadãos ignorarem informações sobre outros países, culturas, tradicionais folclores, idiomas... mas também não ter elementares informações sobre cidades e estados vizinhos. O que é mais contundente não é somente a ignorância, mas a falta de querer aprender sobre algo que não esteja restrito às suas mezinhas circunstâncias ou ao estilo de ser norte-americano. Aliás, eles se denominam (exclusivamente) americanos, quando por esse predicado devem ser considerados todos os povos das três Américas: do Norte, Central e do Sul.

Talvez, aí esteja a ponta do *iceberg* da prepotência e da arrogância de boa parte de sua gente e de seus dirigentes, que para muitos analistas foi um dos motivos do ataque terrorista ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001.

É evidente que a força-tarefa militar norte-americana *pari passu* vai ficando seus tentáculos em diversos pontos estratégicos do planeta a pretextos diversos, como controle de narcotráfico, violação dos direitos humanos, supressão do terrorismo, em nome da paz etc. Assim, os EUA pretendem se considerar os únicos capazes de atuar como "polícia mundial", a exemplo do velho xerife do far-west nos tempos do bang-bang.

O medo de novas catástrofes terroristas fez com que o Congresso norte-americano abolisse importantes liberdades, tais como prisões sem ordem judicial, inspeções policiais mais drásticas, estrangeiros submetidos a vistorias vexatórias, redução no sigilo das comunicações, perseguição de terroristas em qualquer parte do mundo, sendo exemplos preocupantes o seqüestro pelo FBI (Birô Federal de Investigação) de um cidadão mexicano em seu próprio território sem a anuência ou nem sequer satisfação às autoridades daquele país, e o ataque ao Afeganistão, em que utilizadas bom-

bas mortíferas jamais concebidas, que causaram danos também à população civil, a armazéns de alimentos das Nações Unidas, a residências privadas e a hospitais da Cruz Vermelha.

A política dos EUA de classificar as nações do Iraque, do Irã, do Paquistão e da Coreia do Norte como pertencentes ao Império do Mal é bravata agressiva e maniqueísta. Mas a pretensão e a prepotência não param por aí, sendo exemplos recentes o boicote diplomático da Conferência sobre a África Negra; a liquidação do Protocolo de Kyoto, aluindo anseios de ecologistas, de outras nações ricas e de países em desenvolvimento; o impedimento da instalação do Tribunal Penal Internacional, por não admitirem que essa jurisdição possa abranger cidadãos norte-americanos; e a pressão política colossal para que o embaixador brasileiro José Maurício Bustani perdesse em maio de 2002 o posto de diretor-geral da Organização para a Proibição de Armas Químicas, uma vez que aceitar inspetores internacionais independentes tiraria dos

EUA o melhor argumento para justificar uma invasão militar no Iraque.

A esperança contra essa fragorosa arrogância reside na reserva moral de boa parte da população norte-americana, que tem feito protestos pacíficos públicos até em portas de quartéis; nas manifestações organizadas por várias Igrejas; bem como nas opiniões contrárias, defendidas por intelectuais, religiosos e instituições universitárias. Estas vozes aliadas a inúmeras outras dos quatro cantos do planeta são o esteio para que se busque um denominador comum que vise a uma ordem mundial justa e que leve em consideração a dignidade e o respeito a todas as nações.

Helio Begliomini

Assistente do Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo – Hospital Francisco Morato de Oliveira (HSPE-FMO).
Urologista do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi).

A VIDA NEGOCIADA

Com esse título a ilustre jornalista, bacharela em Letras, Gioconda Bordon e o ilustre policial de elite Henry Lee acabam de lançar um livro que prende o leitor da primeira à última página.

Gioconda dispensa apresentações, pois há dez anos, todos os dias, comanda o tradicional *Espaço Informal* da Rádio Eldorado, que já recebeu vários prêmios (dois deles como o melhor programa de rádio paulista, da Associação Paulista de Críticos de Arte).

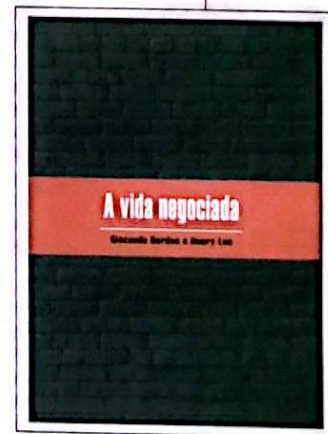
Henry Lee, bacharel em Direito, está há dez anos na polícia, agindo especificamente no combate ao crime de extorsão mediante seqüestro. Já atuou em vários estados brasileiros.

A união desses dois grandes profissionais resultou no fascinante livro, que traz relatos de casos verídicos de seqüestros dramáticos, impressionantes nos detalhes, que são tratados com rigor técnico, científico e com consciência ético-moral que a delicadeza do assunto exige.

Os autores mergulham na questão psicológica, estudando a síndrome do estresse pós-traumático, tão peculiar aos que foram vítimas de seqüestro. Adentram nos mistérios da síndrome de Estocolmo, baseados em autoridades como, por exemplo, o ilustre psicanalista lacaniano Jorge de Figueiredo Forbes.

E depois do seqüestro? Como voltar a viver normalmente? E o medo? Ou melhor: que tipo de medo atormenta um ex-seqüestrado? De não se livrar do pesadelo, preso para sempre na memória? De que possa haver uma segunda vez?

Gioconda e Henry respondem que é possível passar da agonia para a paz e citam o poema sinfônico *Morte e transfiguração*, de Richard Strauss: no início suave, porém sombrio, depois batalhas, embates emocionais, nostalgia, e no final "deixa para o ouvinte a sensação do repouso misericordioso de quem alcançou verdadeiramente a paz".



A vida negociada, editora ARX
e-mail: earx@siciliano.com.br

Guido Arturo Palomba

O GATO E A FAVORITA

Adriano Bonanomi

Não. Não se trata de alguma pizzaria, padaria ou lote ca. Muita menos mulher, pois Olavo Cunha tinha uma única filha, e não professava religião que permitisse mais de uma esposa. Curiosamente, é o nome que ele deu a uma árvore, a mais nova de seu arborizado jardim.

Geralmente as árvores levam o nome dos frutos que produzem ou denominações botânicas ou populares (figueira, quaresmeira, ipê etc.). Olavo, sem nome algum popular e muito menos botânico, plantou uma pequenina muda, nunca se preocupando em classificá-la.

Impressionado com o viço que apresentava após alguns dias de seu plantio, brindou-a com elogioso nome, tradutor do orgulho de tê-la plantado: "A Favorita".

Fora plantada em nível inferior ao da janela de seu dormitório, situado no andar superior da casa. Ainda pequena, era escondida por uma cerca de azaléias, mas, com o passar do tempo, passou a apresentar seu cimo acima dessa sebe. Olavo, ao acordar, abrindo a janela, acompanhava diariamente sua rápida e saudável evolução. Pensativo, com ambas as mãos apoiadas no parapeito, olhar fixo em sua arvorezinha, constatava: "Ela, a cada dia crescendo e eu, descendo para o fim".

Portador de dois aneurismas, um abdominal, o outro torácico, ambos em estado avançado, sabia que a qualquer momento partiria. Sua idade, acima dos 80 anos, impedia a indicação de uma salvadora solução cirúrgica.

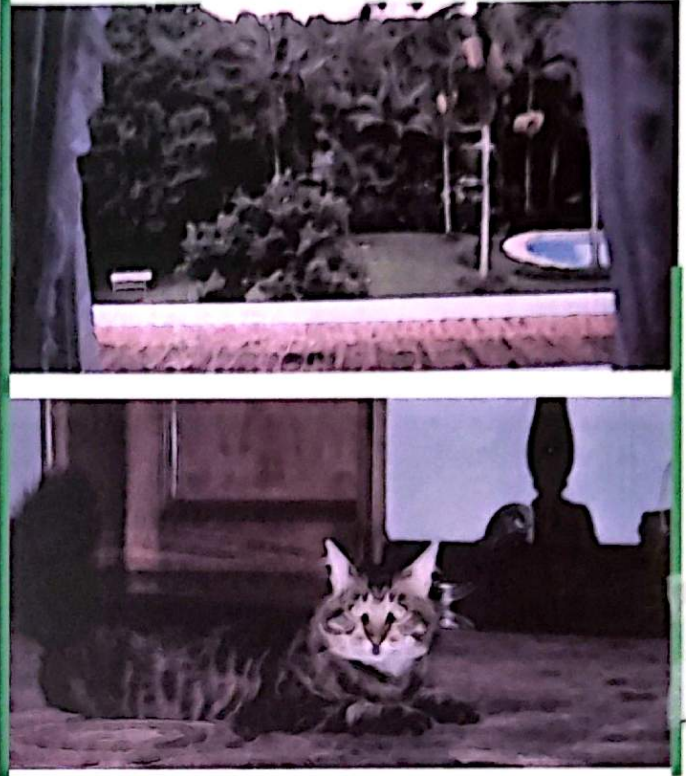
Uma certeza, porém, o confortava: provavelmente, a qualquer momento, teria um fim rápido. Não daria trabalho aos seus. E assim ia vivendo.

"Já não bastava o gato", balbuciava. Era uma outra sensação que o atazanava. Desde a mocidade sempre tivera um cão. Nenhum morrera de velhice em sua casa; um atropelado, outro por doença, um terceiro envenenado por um vizinho neura. Criara a superstição de que, se algum animal permanecesse por muitos anos em sua casa, quem sairia seria o dono. Falido ou morto. Desistiu, por essa razão, de criar o que quer que fosse.

Quando passou a acreditar que esta decisão o livraria, em definitivo, daquele pensamento funesto, eis que certo dia, entretanto na cozinha, vê no chão uma terrina com leite na qual se fartava um gato!

Olavo logo pressentiu que o bichano seria forte concorrente seu na parada: "Ou sai ele, ou quem sairá serei eu".

Sabido é que este doméstico felino, que o povo crê ter sete vidas, nunca abandona a moradia em que se alimenta e para a qual sempre retorna, mesmo se levado para longe. Ainda mais este, que a cozinheira mandara castrar para que não fugisse. "Este veio para ficar, quem vai sair



sou eu", advertia uma luzinha amarela que passara a piscar em seu cérebro, desde que vira o gato.

Certa manhã, sabe Deus por qual motivo, vendo já totalmente formada a Favorita (para ele verdadeiro relógio da vida), surpreende seu jardineiro flando no jardim. Irritado, junta as mãos na boca em forma de funil e grita-lhe: "Delegado! (apelido que trouxera da Vila Joaniza) Pega o machado e acaba com a Favorita!" Meio cabreiro mas obediente, cumpre o bom nordestino a ordem do patrão sem ter a menor idéia do porquê.

Dias após, a árvore ainda permanecia no chão. Já seca, aguardava que se conseguisse um caminhão para transportá-la.

Essa viatura, finalmente contratada, saiu com sua carga poucas horas após a ambulância do Resgate, que levava um ataúde classe luxo, onde o doutor Olavo Cunha jazia, ao velório da Beneficência.

Da porta da cozinha, um sadio gato ronronava sonolento e a tudo assistia.

Adriano Bonanomi
Médico oftalmologista.

DOENÇAS, SÍNDROMES E PERSONAGENS LITERÁRIAS

Gladstone F. Machado

Desde a Antiguidade mais remota, as doenças têm sido denominadas segundo critérios os mais diversos.

Assim, algumas delas ficaram conhecidas por particularidades mais evidentes em seu aspecto externo, por exemplo, a lepra (de *leprus* – escamoso), a elefantíase, a acromegalia, o bócio, a febre amarela, a tísica (tuberculose em seu estágio final, devido ao aspecto consumptivo).

Em outros casos, pela maneira catastrófica com que se apresentava, como a peste, do latim *peste* – flagelo, calamidade, cujas epidemias já eram referidas em regiões mediterrâneas, por antigos manuscritos gregos e romanos, muito antes da Era Cristã. No extenso grupo das doenças infecciosas e parasitárias, muitas ficaram conhecidas pelo nome dos cientistas que as estudaram ou do próprio agente causal (doença de Chagas, amebíase, teníase etc.). Outras, continuam sendo denominadas pelo nome do órgão enfermo, recebendo sufixos, geralmente gregos: *-ite* para as inflamações, *-ose* para os processos degenerativos, *-oma* para as neoplasias. Em outros casos, temos a influência de fatores geográficos (blastomicose sul-americana); enfim os critérios nem sempre se atêm exclusivamente à designação científica e técnica da patologia.

Existem doenças, síndromes clínicas e grupos nosológicos curiosamente designados com nomes de personagens literárias (da mitologia greco-romana, bíblicos, da literatura em geral), devido a simbolizações ou particularidades marcantes. Iremos comentar algumas dessas doenças e síndromes, dando ênfase a seus epônimos.

Inicialmente consideremos o grupo das doenças ditas venéreas, mais conhecido como doenças sexualmente transmissíveis, reemergentes nos dias atuais. Literariamente referem-se a

Vênus (da mitologia romana), equivalente a Afrodite, na mitologia grega, deusa do amor e da beleza, da formosura e dos prazeres. Como tipo de beleza feminina, tem sido cultivada desde os tempos pré-históricos, em esculturas (Vênus de Willendorf, de Lespugne, de Salvinhano), no paleolítico superior. Na época histórica, na estatuária grega (Vênus de Milo) e em suas réplicas romanas e na pintura em expressivas criações artísticas da Renascença e do período neo-clássico, como as Vênus de Boticelli, de Cranach, o Velho, entre outras. Na mitologia grega chamava-se Afrodite, a esposa infiel de Hefesto, cujo culto era feito em Corinto e em Tebas. Do termo derivou afrodisíaco, substância que se acredita provocar excitação sexual.

Em relação às doenças venéreas, devemos lembrar a sífilis, moléstia infecciosa crônica, que teve grande importância clínica por suas complicações tardias nos sistemas cardiovascular e nervoso, até a primeira metade do século XX, quando o tratamento pela penicilina solucionou tão grave problema. Relembre-se que antes, a terapêutica se fazia com os compostos mercuriais e de arsênico, com efeitos colaterais importantes e resultados pouco satisfatórios. Diziam os antigos médicos sobre a sífilis: “Uma noite com Vênus e o resto da vida com Mercúrio”. A palavra sífilis deriva de Sifillus, nome de um pastor, personagem de um poema do médico e poeta italiano Hieronymus Fracastorius (Verona, 1478-1513), que sofria da doença.

Outro personagem que deu nome a uma síndrome respiratória foi Pickwick. Esta condição clínica é observada em pacientes obesos, com hipoventilação, que acarreta hipóxia, hipercapnia e sonolência. Segue-se um despertar brusco, repetindo-se o ciclo. Mr. Pickwick é um personagem de Char-

les Dickens (1812-1870), em livro publicado em 1837 – *As Aventuras do Sr. Pickwick*. Juntamente com seu criado, Sam Weller, participa de interessantes e folclóricas peripécias, sendo a dupla muito popular na Inglaterra vitoriana, comparando-se a Dom Quixote e Sancho Pança. Mr. Pickwick, fisicamente obeso, tinha o perfil apropriado para a condição clínica descrita.

Em psicanálise, psiquiatria e neurologia, há várias síndromes com epônimos literários.

Inicialmente citemos os complexos de Édipo e de Electra. O de Édipo refere-se a tendências afetivas, à atração do filho em relação à mãe, manifestando uma atitude adversa, até repulsiva, ao pai. Segundo a concepção freudiana, é de grande importância para explicar e tratar a neurose que acarreta. O complexo de Electra é o equivalente para as meninas, ou seja, a fixação da filha em relação ao pai.

Édipo, herói mitológico grego, era filho de Laio e Jocasta, reis de Tebas. Ao nascer, o oráculo previu que ele mataria o pai e casaria com a mãe, sendo abandonado nas montanhas, onde fora encontrado. Já

adulto, libertou Tebas da Esfinge, cumpriu seu destino, sem ter conhecimento de quem eram seus pais. A tragédia inspirou várias obras notáveis, sendo a principal delas a peça de Sófocles, *Édipo Rei*. Electra, filha de Agamemnon e Clitemnestra, ajudou a vingar o assassinato do pai, envolvendo-se e insuflando seu irmão Orestes na trama urdida para a morte de Egisto, o amante de sua mãe, esta também assassinada na ocasião. A lenda inspirou os trágicos gregos Ésquilo, Eurípedes e Sófocles e, na Idade Contemporânea, serviu de tema a várias obras literárias, como uma ópera de Richard Strauss, uma peça de Eugene O’Neil, uma outra do francês Jean Giraudoux.

Menos conhecidos, mas citados em literatura especializada, temos ainda os complexos de Caim, de Jocasta e de Lear. O de Caim descreve a rivalidade neurótica entre irmãos. Segundo o Gênesis, ele era o filho primogênito de Adão e Eva, que matou seu irmão Abel, enciumado e enraivecido por Deus ter preferido as oferendas de Abel em detrimento das dele. O chamado complexo de Jocasta refere-se à fixação sexual da mãe pelo filho, e o de Lear (personagem Shakespeariano), do pai pela filha.

Síndrome de Alice no País das Maravilhas. É caracterizada por distúrbio do esquema corporal, tendo o paciente a sensação de que as pessoas ou o próprio corpo crescem demasiadamente ou se tornam pequenos. Segundo psicanalistas, é motivada por reações subconscientes e pode revelar represões. O autor, Lewis Carrol, pseudônimo de Charles Ludwidge Dogan, professor de matemática e escritor inglês (1832-1898), sofria de enxaqueca e descreve magnificamente aquela condição clínica em seu famoso e antológico livro, *Alice no País das Maravilhas*.

Síndrome de Monte Cristo (síndrome do cativo, Jocked-in Síndrom). Tetraplegia e mutismo, com consciência preservada, observada em pacientes que sofreram infarto da porção ventral da protuberância, com lesão de vias motoras descendentes. A comunicação se faz com movimentos dos olhos (piscando) e da mandíbula. O livro *O Conde de Monte Cristo*, do escritor francês Alexandre Dumas, pai (1802-1870), notável representante do romantismo, conta a vida e as dificuldades da personagem no cativo.

A maldição de Ondine. Refere-se à apnéia induzida durante o sono, por complicação fatal de cordotomias cervicais altas, nas quais tenha havido lesão de fibras relacionadas com a respiração. O paciente é capaz de respirar quando acordado, mas vai a óbito se adormecer. A lenda se refere a Ondine, divindade do amor nas mitologias germânica e escandinava, que habitava as águas. Ela se apaixonou por um mortal, rogando-lhe uma praga: se ele a traísse, morreria dormindo. A narrativa é dos tempos medievais e foi adaptada para o teatro pelo francês Jean Giraudoux.

Em tempo, o amante de Ondine era Hans, que se apaixonara por Berthe, também mortal como ele.

Narcisismo. Anormalidade comportamental de fundo sexual, em que o indivíduo se apaixonava pela própria pessoa, cria fantasias e provoca atenção por conduta exibicionista. Narciso é personagem da mitologia grega, de reconhecida e atraente beleza, recusa as ninfas, principalmente Eco, que após ser repudiada, isola-se, definha e morre na floresta. Narciso, afinal, se apaixonava por seu próprio reflexo na água e, não podendo abraçá-lo, morre. Os deuses o transformaram em perfumada e bela flor, o narciso. Milton, no *Paraíso Perdido*, incluiu poemas sobre esta lenda.

Síndrome de Otelo. Definida como psicose paranóide, em que o paciente se torna angustiado, com delírios sobre uma suposta infidelidade da esposa. Passa a espioná-la, examina com detalhes sua roupa e pertences, segue-a a distância, sempre desconfiado das atitudes dela. Em geral, por falta de tratamento, poderá terminar em tragédia. Otelo, personagem marcante de Shakespeare, é símbolo do ciúme.

Síndrome do pânico. Deriva de Pã (em grego *panikon*), deus mitológico dos rebanhos e dos bosques, adorado pelos pastores, amante da música, trazia sempre uma flauta (a flauta de Pã). Sua aparição era aterrorizante, provocando um medo irracional. (Também pode significar tudo, todos, usado como prefixo, *pan-*.)

Em medicina, a síndrome representa uma neurose, com crises de ansiedade aguda, ocorrendo sintomas cardiorrespiratórios, agitação, tremores, sudorese, dor precordial. O paciente sente temor obsessivo, perdendo momentaneamente sua racionalidade. Constitui uma emergência psiquiátrica.

Efeito Robin Hood (fenômeno de contra-furto). Traduz uma condição vascular na

qual há subtração de fluxo sanguíneo de tecido nobre para tecido funcionalmente pobre. É o que ocorre quando há desvio, "furto" de sangue pela artéria subclávia da artéria vertebral, em casos de estenose do tronco inominado. A condição é chamada de "efeito Robin Hood" em referência ao célebre personagem, criado pelo escritor inglês Louis J. Rhead, cujas atividades de bom samaritano muito favoreciam os pobres, com o que ele "aliviava" da riqueza opulenta os mais favorecidos. Mantém-se a tradição, notadamente na cidade de Nottingham, onde o castelo é agora um museu e, próximo, fica a cidadezinha de Edwinstone, com a igreja onde Robin Hood se casou com sua amada Marion.

Síndrome de Proteus. Doença raríssima, caracterizada por deformidades e monstruosidades extensas (gigantismo das mãos e dos pés, assimetria dos membros superiores, macrocefalia, hipertrofia dos ossos longos, entre outras), que mudam de forma, no mesmo indivíduo. Foi erroneamente confundida com a neurofibromatose tipo I (doença de von Recklinghausen) no século XIX, quando surgiu o caso do



paciente Joseph Merrick, então chamado "o homem elefante", portador dessa anormalidade (Andrade Filho, J. S., *Analogia em Medicina*, J. APM - Sup Cult 2002 132: 3-4)

Em 1986 foi definitivamente rotulada de síndrome de Proteus, pelo doutor Michael Cohn, da Universidade de Halifax, no Canadá. Foram relatados até o momento 100 casos dessa síndrome e cientistas do Massachusetts General Hospital e do National Center of Human Genome Research continuam pesquisando essa doença, que tem sido tema de filmes, peças de teatro e inúmeras publicações em revista médicas.

É uma referência a Proteus, da mitologia grega, filho de Poseidon e Anfitrite, que tinha o poder de mudar sua forma física para despistar sua verdadeira identidade.

Em medicina, se acham incorporadas algumas expressões e conceitos derivados de personagens literárias. Por exemplo priapismo, onanismo.

O primeiro refere-se a Priapo, da mitologia grega, um deus rústico, símbolo da fecundidade do solo, que na romana passou a simbolizar o amor físico. O priapismo significa uma ereção peniana persistente e dolorosa, sem desejo sexual. Entre suas causas são referidas as de origem vascular, neoplásicas e neurológicas. Já a palavra priápico, incorporada à linguagem, indica pessoa do sexo masculino portadora de desejo sexual insaciável.

O onanismo constitui o conjunto de medidas para provocar o orgasmo de forma solitária. Deriva de Onan, personagem bíblica, mencionado no *Gênesis*, que, pela lei do Levirato, casou-se com a viúva de seu irmão, recusando-se a ter filhos com ela. Deus o puniu, matando-o (a lei do Levirato, dos primitivos hebreus, obrigava o cunhado a casar-se com a viúva sem descendência).

Gladstone F. Machado
Especialista em cirurgia torácica
pela SBCT, membro titular
do Colégio Brasileiro de Cirurgiões,
fellow do American College
of Chest Physicians.

MARIA WALEWSKA,

Maria Walewska, a jovem amante de Napoleão Bonaparte, conheceu-o durante a campanha realizada por ele na Polônia, quando se encontraram em janeiro de 1807, num baile realizado em homenagem ao conquistador.

Nascida em 7 de dezembro de 1786, na aldeia de Brodno, era filha de um nobre empobrecido, Mathias Laczynski, morto na batalha de Maciejowice, quando, na condição de membro do Exército Polonês Voluntário, participava de uma insurreição popular em defesa dos portões de Varsóvia contra os russos. Maria e mais quatro irmãos sobreviventes foram criados com dificuldades, pois sua mãe, Eva Laczynska, ficara apenas com uma propriedade endividada.

Maria era, acima de tudo, uma patriota. Desde cedo foi incentivada a lutar por seus ideais. Aprendera com Nicholas Chopin (futuramente pai do compositor Frédéric Chopin), que assumira a educação dos filhos de Mathias Laczynski, seu companheiro de armas. O professor ensinou-lhe francês, história, geografia e música. Mas foi de outra ordem a influência que mais exerceu sobre a jovem: desenvolveu seu sonho de libertar a Polónia e a crença de que Napoleão poderia ser o líder libertador. Maria concluiu os estudos num convento de Varsóvia e, ao retornar, tendo em vista as dívidas contraídas por sua mãe, admitiu casar-se com o rico e culto conde Anastase Colonna Walewski, camarista do último rei da Polónia. Considerado o maior proprietário do distrito, o nobre contava então 68 anos e já enviuvara duas vezes.

Em 1806, apesar de derrotado, o czar Alexandre recusou-se a assinar a paz com a França. Napoleão não poderia vencer a Rússia sem o auxílio de aliados, e a Polónia era importante nessa campanha; partiu então

para Varsóvia, onde uma notável recepção foi preparada pelo cunhado, o marechal Joachim Murat. A agitação ante a chegada de Napoleão envolveu todos os habitantes da cidade, incluindo a ardorosa nacionalista Maria Walewska, que o considerava um conquistador benéfico ao país.

Napoleão sempre fora excessivamente ligado a Josefina, mas conhecia as infidelidades da esposa. Foi ela uma das poucas mulheres que despertavam e satisfaziam seus desejos, o que reiteradas vezes confirmou nas cartas que lhe enviava. Nele, entretanto, em qualquer ocasião, prevalecia a ambição sobre os sentimentos amorosos. É o que se depreende das atitudes que manteve em relação a Josefina, a Maria Walewska e a Maria Luísa, a última esposa. A única mulher que mereceu de Napoleão respeito incondicional foi sua mãe, Laetitia Ramolini.

Como jamais havia acontecido com outra mulher, depois de Josefina, Napoleão interessou-se de imediato por Maria Walewska. Em seguida ao primeiro encontro, escreveu-lhe:

Eu só via você, eu só admirava você. Não quero ninguém a não ser você; imploro que responda de imediato para acalmar meu ardor e minha impaciência. (MICHAEL OF KENT, p.298)

Todos conheciam o idealismo patriótico de Maria Walewska. Incentivada pelo irmão Benedict, chefe da família, e até mesmo por seu marido, sucumbiu aos assédios de Napoleão, no início acreditando na possibilidade de ajudar na libertação da Polónia.

Em meio a intrigas e reuniões sociais, o tempo transcorria para os amantes. Napoleão passou a responder secamente às cartas de Josefina, descontente com a amizade que ela travara com o príncipe Klemens von Metternich, nessa ocasião embaixador da Áustria, cujo ódio contra a França era amplamente conhecido.

A AMANTE DE NAPOLEÃO

Além disso, o relacionamento de ambos com Madame de Staël o preocupava, pois em suas crônicas ela nada poupava, sobretudo nos assuntos relacionados com Napoleão, que a havia preterido, a despeito de sua riqueza e de seu prestígio.

Maria Walewska devotou sempre total fidelidade ao imperador, conforme se lê em suas *Memórias*. Mas nunca deixou de lutar, ao longo do relacionamento amoroso que mantiveram, pela restauração da Polônia. Ao vencer os russos na Batalha de Friedland e assinar a paz de Tilsit, na fronteira da Rússia, Napoleão teria mais um aliado contra a Inglaterra. O destino da Polônia ali também estava em jogo, e era urgente que o imperador tranqüilizasse Maria Walewska sobre o futuro de sua pátria. Escreveu-lhe:

Seu pensamento está em meu coração e seu nome em meus lábios. (MICHAEL OF KENT, p.315)

Apesar de sentir-se segura em relação a Napoleão, ficou inconsolável quando teve a certeza de que o acordo feito com o czar da Rússia não favorecia a Polônia, que acabou ficando apenas com a Galícia austríaca e não com a parte russa, que havia sido conquistada pelo próprio exército polonês. Nessa época, Maria Walewska, que já tivera um filho de seu marido, constatou que estava grávida. Ao receber a notícia, Napoleão teve a certeza de que não era estéril, acreditando ter chegado o momento de dar à França um herdeiro. Este, porém, não seria o filho de Maria Walewska, pois o imperador aspirava dar a seu país um sucessor de linhagem nobre, com acordes vantajosos.

Decorrido algum tempo, Maria Walewska descobriu os planos de Napoleão para um casamento dinástico e suas intenções em relação à Polônia. Calou-se, no entanto, conservando a

atitude apaixonada, submissa e tolerante que demonstrou durante todo o relacionamento.

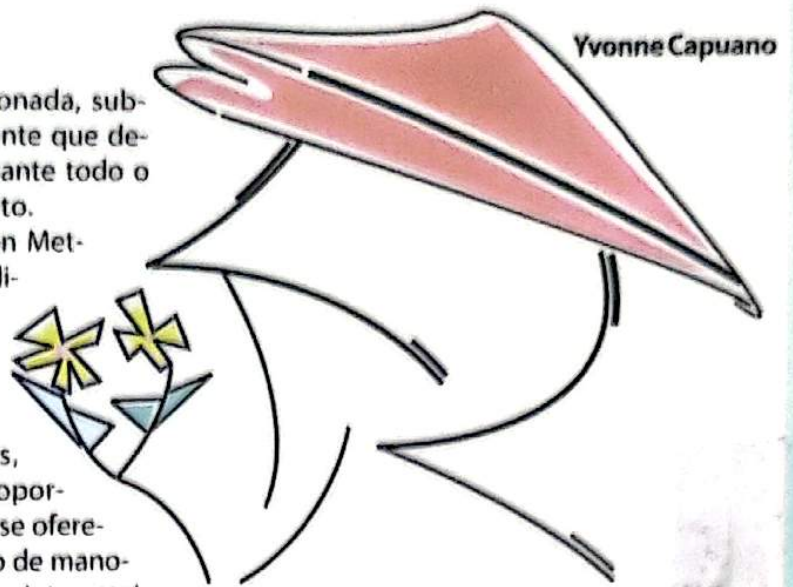
Klemens von Metternich, o inteligente, astucioso e brilhante embaixador da Áustria em Paris, pressentiu a oportunidade que se oferecia e, por meio de manobras políticas e interesselas, demonstrou a Napoleão as vantagens de um casamento com Maria Luísa, filha do derrotado imperador austríaco Francisco I.

Foi Eugênio de Beauharnais, filho de Josefina, quem pediu a mão de Maria Luísa de Habsburgo-Lorena, assinando o contrato do novo casamento com a aprovação da própria mãe. Depois de muita contestação, Josefina declarou, inconsolável:

Tudo devo à bondade do imperador; foi sua mão que me coroou e, do alto deste trono, só recebi testemunhos de afeto e amor do povo francês. Consentindo na dissolução de um casamento que, de agora em diante, é um obstáculo ao bem da França, julgo mostrar-me grata a todos esses sentimentos. (GUIMARÃES NETO, p. 98)

A nova imperatriz, Maria Luísa, tinha 19 anos. Discreta e bela, impressionara-se com Napoleão, e decidira unir-se a ele, não obstante muitos biógrafos afirmarem que aceitara contrariada o matrimônio. Casaram-se em Saint-Cloud, em 2 de abril de 1810, com grande pompa.

Maria Walewska, triste e inconsolável, acompanhou o acontecimento pelas crônicas da época. Em 4 de maio de 1810, deu à luz Alexandre Florian Joseph Colonna Walewski, reconhecido



como filho pelo conde Colonna. Mais tarde, Alexandre teria sido motivo de orgulho para o seu verdadeiro pai, Napoleão I, pela destacada atuação como embaixador e ministro de Napoleão III.

Apesar de manter-se à distância, após o casamento de Napoleão, Maria Walewska nunca deixou de apoiá-lo. Num derradeiro gesto de fidelidade, dispôs-se a viver com ele na pequena ilha de Elba, no Mediterrâneo, por ocasião de seu primeiro exílio, depois da abdicação em 6 de abril de 1814. Somente lhe foi permitida a visita com o filho Alexandre, pois se esperava que Maria Luísa acompanhasse o imperador, o que afinal não aconteceu.

Incentivada por Napoleão, depois da morte do conde Colonna, Maria Walewska casou-se com um primo corso, Philippe Antoine d'Ornano, em 1816. Um ano depois, em 11 de dezembro, com apenas 31 anos de idade, viria a falecer em Paris, cercada pelo afeto do marido e dos filhos.

Yvonne Capuano,
médica titular
da Academia Paulista
de História.

TRÊS POEMAS INFANTIS

Conversa com menino

Conversava com o menino
 – Três anos.
 Entusiasmado
 eu contava da emoção de estar
 no meio da savana:
 jipe
 rifle poderoso carregado.
 Leões, hiena,
 búfalos, girafa,
 elefante, rinoceronte,
 gnus, hipopótamo.
 Atento
 olho arregalado
 de repente
 vivamente interessado
 o menino perguntou:
 – Tinha pakagaio?

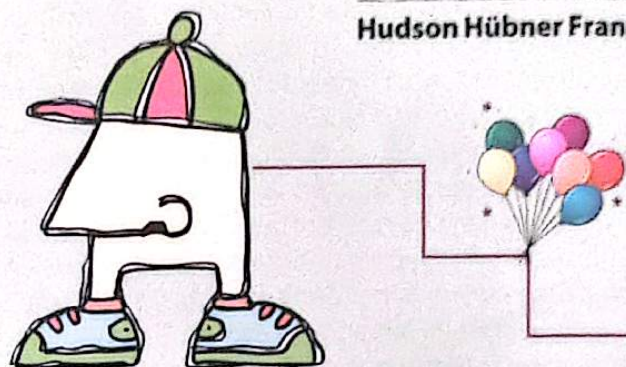
Mundo solidário

A tipuana
 não resistiu ao vento forte
 e caiu.
 Beatriz viu.
 Veio devagarinho
 sentou-se na árvore caída
 e falou:
 – Não fica triste, não.
 A gente
 está aqui com você.

Poesia

Na primeira vez
 que Larissa foi ao sítio
 viu uma borboleta.
 Correu para casa
 e gritou:
 – Vói!
 Vi uma cor voando!

Hudson Hübner França



CIÚMES

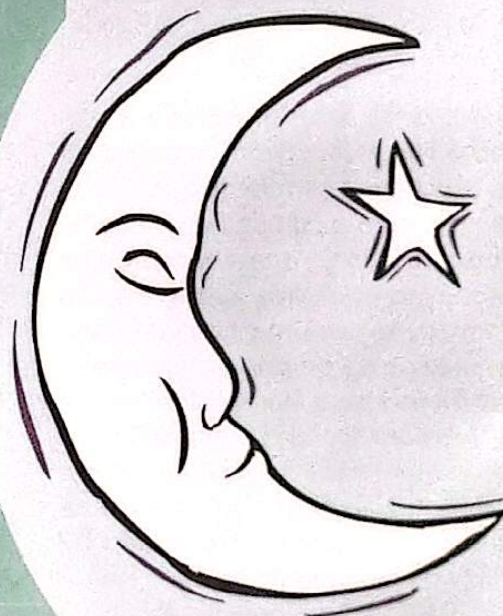
Lua lua... sorrateira
 onde te encontras, alcoviteira,
 à cata do meu amor?

Entre nuvens escondida
 reapareces de repente
 e sorris intensamente
 do meu amor incontido

Por que então não te escondes
 de uma vez, para deixar
 sempre, o meu encontro em paz
 no delírio do meu ser?

Ao invés de projetar
 tua luz e a claridade
 indevidas, escondas
 tu, indiscreta lua,
 teu irascível ciúme.

Afiz Sadi



DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Dullio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
 Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira